

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

ASSINATURAS
Ano... 12\$00 Semestre... 6\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... 1\$00
Repetição... \$50
Comunicados — linha... \$70

DIRECTOR E EDITOR—Abade Alexandrino José Leituga

ADMINISTRADOR—P.º António Esteves

PROPRIEDADE da Empresa da 'ACÇÃO SOCIAL,

Dr. Manuel Pais

No penultimo sabado, 30 de Agosto, foi colocado no salão nobre dos Paços do Concelho, o retrato do sr. dr. Manoel Pais de Vilas Boas, antigo deputado da Nação e Juiz do Supremo Tribunal Administrativo, filho illustre desta terra,—retrato a oleo em que uma vez mais se firmaram os creditos artisticos do distinto pintor e nosso querido patriótico sr. Candido da Cunha.

Homenagem justissima e a que de todo o coração nos associamos, a prestada pela Camara ao barcelense illustre, a quem se devem muitos dos melhoramentos que esta terra conta.

Apenas sentimos que essa homenagem não tivesse tomado a proporção de uma consagração publica, como bem merecia, e que tivesse sido reduzida ao simples *pró-forma* da colocação de mais um retrato na galeria do salão nobre dos Paços do nosso Concelho.

Fizeram-se convites aos seus vereadores e a varias entidades desta vila para assistirem á colocação do retrato do illustre filho de Barcelos mas só appareceram nessa homenagem o sr. dr. Miguel Fonseca e os representantes da «Verdade» e de «O Barcelense», segundo informa este nosso presado colega local lamentando, com razão, o facto.

Devemos dizer, para honra da verdade, que á redacção da «Acção Social» não foi dirigido, com nosso conhecimento, qualquer convite. E diremos—com nosso conhecimento,—porque desde ha dias que está ausente de Barcelos o nosso illustre director, e por isso ignoramos se algum convite foi dirigido á redacção deste semanario.

Dada a explicação da não representação da «Acção Social» naquêle acto, digamos agora que a Camara, promotora de tão oportuna e justa homenagem, com o que muito deve sentir-se honrada, deveria ter convidado, nos termos da praxe, todas as pessoas de representação politica, social e associativa, a tomarem parte nessa consagração.

Não sabemos se o fez. Lamentavel teria sido a falta e mais lamentavel é se, convidadas essas entidades, elas não concorreram, com a sua presença, a dar relevo a um acto que envolvia solenidade, respeito e veneração, o dever de considerar como figura querida e de prestigio nesta terra, aquella a quem a Camara promovia a homenagem da consideração de todos.

Tinham-nos dito que se havia inaugurado, na Camara, o retrato do Pais, sem poder, a pessoa que nos informava, dizer de qual Pais. Procuramos, ainda, nesse instante, saber de quem se tratava, não tendo obtido, nesse momento, informação segura.

Foi homenagem tão despi-

da de grandeza, para que se não soubesse, dias depois, do nome da pessoa homenageada!

Lamentamos tambem o facto, porque o Dr. Manoel Pais não era figura apagada no nosso meio: e a afirmação da consideração que a Camara tinha e tem por este nome, está demonstrada na colocação, que mandou fazer do retrato d'ele na sua galeria nobre.

Não deixamos, como se conclue destes nossos dizeres, de associar a «Acção Social» á justissima e devida homenagem rendida ao grande barcelense—á grande figura do Dr. Manoel Pais Vilas Boas, a quem Barcelos deve muito das obras que por ahi se veem e a quem todos devemos respeito e carinhosa consideração.

Sentimos desgosto, como barcelenses, que a Camara não tivesse procurado dar ao acto toda a solenidade e imponencia, toda aquela grandeza e magestade que bem merecia a entidade homenageada, nome dizemos, dos que mais soube erguer-se e prestigiar-se, nome que, merecendo a consideração e respeito de todos, como mereceu, é hoje credor da nossa admiração.

MÃE E FILHA

A apoteose do Marquês ontem e hoje. Porquê?...

E' de há poucos dias o projecto submetido ao parlamento, criando—se não estou em erro—um sêlo especial cujo produto reverta a favor de engravado monumento ao Marquês de Pombal. O caso já não é para grandes estranhêsas, sabendo se como lá pelas altas—e baixas...—regiões da politica reinante grassa, intensa e extensa, a rônha do *preconceito anti-jesuítico*.

De mais não se ignora que os precedentes, se não justificam sempre, ao menos determinam e explicam os subsequentes; sendo que, como é notório, já desde 1872, anniversário de Pombal, certas correntes politico-religiosas—ou antireligiosas?...—têm, à sombra da corôa ou do barrete frigio, manobrado teimosamente pela apoteose dessa personagem de fama contraditoria e tristemente célebre.

Não seremos nós quem vá aguar o doentio goso de tais *mènours* e... *menus*, que pomposamente se alcunham de *liberais*, nas suas almeçadas e... aziagas aspirações de apoteose ao idolo, não; contudo ser-nos-ha lícito estranhar, com alguns vultos eminentes da nossa historia e literatura, a razão dessa febre de entusiasmo pelo famigerado homem, em face da frieza e olvido por tantos horois autenticos e incontestados.

Homenageado Pombal, porquê?

ADIVINHA POPULAR

Quem será um rei coroado,
Soberbo, grave e altivo,
Sempre todo afiambrado
E de amores cativo,
De damas acompanhado?
Se acaso alguém levantar
Os seus olhos para vê-las,
Não o pode suportar:
Com unhas o vai rasgar
Com ciumes que tem delas.

Decifração da última publicação:—Coração.

«Pela obra de restauração da cidade e... da sociedade que querem atribuir só a êle?»

Mas a esse respeito é, por ex., contudente de verdade e justiça aquele pedaço de critica causticante de Ramalho, aqui já reproduzido, e que reduz o grande homem ás proporções de... pouco mais de um ambicioso, de um megalómano, dum déspota feroz.

Mas homenagem, estátua, porquê?

«Enquanto á estátua do reformador (dizia ainda Ramalho nas Farpas) em que se fala como complemento do centenário (1882), *ela seria, se a fizessem, o monumento fúnebre á morte da democracia e á do senso cumum da sociedade portuguesa*. Mas não a farão nunca. E' já de mais a do Terreiro do Paço para consignar a estima deste povo pelo charlatanismo dos seus tiranos.

O rei D. José é absolutamente indigno de estar posto, por meio de uma peanha, não só acima do nível, mas á simples altura de qualquer cidadão honrado. Mero herói das alcôvas dos outros, esse príncipe rufião está abaixo do próprio Luiz XV, de apodrecida memoria...

Quando chegar a hora da justiça, não é a estátua do Marquês de Pombal que se há de erigir; é a de D. José que se ha de apear.

No monumento do Terreiro do Paço, o único que merece continuar a contemplar Cacilhas é o cavallo.

Cumpra reabilitar, na estima que se lhes deve, o nobre e útil animal, desafrontando-o do cavaleiro, que nunca prestou para nada neste mundo, e honrando-o, em nome do trabalho, honesto, com o apenso duma charrua... (!...).

Mas então homenagens, estátua, porquê?

E' tambem Camilo, o incomparavel estilista, que responde no *Jornal da Manhã* do Porto, em 1882, combatendo o centenário e a estátua:

«O governo propoz ás câmaras e já entrou em discussão, tendo a preferencia da primeira importancia, uma proposta, pedindo um monumento, levantado ao *adullério*, á *traição*, ao *assassinato*, a *todas as infâmias* de uma das épocas mais nefastas da corte portugêsa.

Um monumento ao Marquês de Pombal, uma homenagem de gala, levante-a o sr. Tomaz Ribeiro (era ministro e autor da proposta) preste-lh'a o cantor das judias, mas não faça decretar que o país celebre as infâmias duma corte devassa e sanguinária. O ministro de D. José I.º e visavó de D. Luiz tem na historia

dele páginas muito negras. Passemos os olhos por algumas dessas páginas...» E fragmentos dessa fúnebre evocação historica de Camilo já aqui foram reproduzidos.

Mas homenagem, monumento, porquê?

E' o próprio Teófilo Braga, o fecundo e caótico polígrafo, que, apesar da sua obsessão anti-clerical, escreve:

«Quando o Marquês de Pombal se achou no auge da *prepotência*, tendo reduzido o rei D. José a um simples personagem teatral, apresentava-lhe de joelhos os *decretos sanguinários*, para os assinar, mas era o ministro quem na verdade exercia uma efectiva ditadura. Depois de ter mandado *trucidar com o mais repugnante canibalismo* toda a familia do Duque de Aveiro, pelo *pretendido crime* duns tiros contra a *caruagem do rei*, que regressava duma *aventura amorosa* em que envolvera a mulher do Marquês de Távora; não contente de arremessar para a bastilha da Junqueira a principal nobresa de Portugal, como os Marqueses de Gouveia, Alorna, Ponte do Lima, os Condes de Obidos, da Ribeira e S. Lourenço, enclausurando-lhes as familias nos mosteiros; para cúmulo de vingança, o audacioso ministro fazia o casamento de seus filhos com as herdeiras mais opulentas do reino e confundia as linhagens heráldicas, cruzando arbitrariamente as casas nobres, misturando-as com burguesia rica.

Todos obedeciam calados para não *espiarem nos cárceres ou no patibulo* a resistência que se agravava com a indicação de *lesamagesdade*. (Memorias de Paulino).

Homenagem, monumento, porquê?

«Porque perseguiu, vexou, prendeu, confiscou, expulsou, queimou, dissipou, aniquilou os jesuitas e deu corpo e poz em marcha a essa lenda-papão do *jesuitismo*, tão justamente descrita por Leonardo Coimbra, e que desde Pombal tem sido explorada por todos os *escoqueurs* ou ingénuos do anti-clericalismo?»

Talvez, ou sem talvez, porque mãe e filha...

Mas por isso, porque esse monumento, essas homenagens são artificiais e alicerçadas sobre o ódio, a infâmia e o crime, e que o mesmo Ramalho Ortigão lhe custava a crêr que se efectivasse.

Por isso é que já o povo de Lisboa, em 1777, num assomo de justiça, arrancou, indignado, da estátua equestre, o medalhão de bronze que o mesmo ministro impudentemente mandara esculpir e colocar, para auto-apoteose própria. (Latino Coelho, Historia militar e politica).

Por isso é que o projectado e engraçado monumento, se se efectivizar, estará sujeito, num futuro mais ou menos remoto, a ser reduzido ás proporções merecidas, quando o povo portuguez der pela consciencia da dignidade e brio nacional.

Trabalhos

Tipograficos

a uma e mais côres

Executam-se com perfeição na Companhia Editora do Minho.

Coisas várias

Uma visita á «Barcelense»

Há alguns anos que Barcelos tem progredido imenso na industria. Tanto tem progredido que outro dia, um amigo meu, aliás versadissimo nestes assuntos, me afirmou que o nosso concelho ocupava já o terceiro lugar na escala das terras mais industriais de Portugal.

Este jornal, alem de católico e por ser católico, é tambem regionalista, pugnando sempre por tudo quanto seja engrandecimento e prosperidade do belo rincão do Minho bellissimo, em que é publicado e lido.

Por isso eu, enquanto espero pela resposta dos *juvens* de Barcelos ao apêlo que venho fazendo para a organização da *Juventude Católica* e do *Grupo de Escoteiros*, não resisto á tentação de transmitir aos leitores as impressões que colhi numa visita á importantissima Fábrica que há já alguns anos funciona junto á Avenipa 11 de Fevereiro e que muito honra esta terra.

E daí, talvez que haja uma tal ou qual relação entre as crónicas precedentes e este despretençioso arrazoado.

E' que tenho fundadas esperanças de que dentro da «Barcelense» se encontram e trabalham rapazes, cavalheiros que vão ser elementos valiosissimos da nossa *Juventude*.

Ninguem espere encontrar aqui descrição minuciosa e técnica dos aparelhos e produtos da Fábrica. Nem as ensanchas desta secção comportariam a isso, nem eu o posso fazer, por incompetencia. Sou absolutamente leigo no assunto.

A minha intenção é simplesmente dizer aos que sabem tanto como eu que fiquei maravilhado com o que vi e com o que me explicaram durante a visita.

Há muito que desejava tello feito.

Conhecia e ouvia falar com entusiasmo em fábricas que são o orgulho dos barcelenses e que fazem hombrear a nossa terra com as que mais se tem desenvolvido. E apontaram-me a Saboraria Barcelense, a Moagem do Cávado, a Fábrica da Estação do sr. D. José Domenech e C.ª, a Empresa Industrial de Serração da Granja e a do sr. Manuel José de Araujo Coutinho e Filhos, a Cerâmica, de Ramos e C.ª, a Fábrica de papel, em Medros, do sr. Ferreira Dias, etc. etc.

Sabia bem que todas estas empresas estão florescentissimas, merecendo cada uma delas uma visita e uma referência muito especial e dando-nos a todos a certeza e a ideia do que será Barcelos, por êste caminhar, daqui a alguns anos.

No entanto, fosse pelas referências mais especiais que dela me faziam, fosse lá pelo

Escoteiros Católicos

Continuação do n.º anterior:

que fosse, nenhuma me atraía tanto como a «Barcelense».

Fui lá outro dia. Era numa quinta feira e portanto tudo em Barcelos estava ocupado. Quem portanto me havia de acompanhar?

Não levei muito tempo a descobrir quem o pudesse fazer. E por sinal fiz uma ótima descoberta: foi o Antoninho Vasconcelos. Conheçemo-lo? Dizer-lhe o que queria e vê-lo saltar o balcão do sr. Aurelio Ramos, para onde ele já vai fazer tirocinio, foi tudo no mesmo instante.

E vamos lá. No caminho disséram-nos que não estava na Fábrica o sr. Duarte, e que talvez porisso não conseguíssemos entrar. O Antoninho, confiando nos amigos, não desanimou. O peor foi o porteiro estar com as mesmas ideias do informador do caminho; que não estava o sr. Duarte e que sem ordem dele não era permitida a entrada.

O Antoninho esteve meio resolvido a ir procurar o sr. Duarte onde ele estivesse.

Mas, depois de pensar um pouco, mudou de tática: então deixe-me ir falar com o sr. Queiroz. E foi. Entretanto apareceu à porta, por acaso, o velho amigo e sócio da Fábrica sr. Augusto Soucaux. Disse-lhe o que queria e quando o Antoninho voltava acompanhado pelo sr. Marcelo Serrão da Veiga, a convidar-me a entrar, já o sr. Soucaux me introduzia no edificio.

A todos estes senhores manifesto a minha gratidão pela gentileza com que me receberam.

Duma maneira especial o quero fazer ao bom amigo sr. Serrão da Veiga que durante duas longas horas me acompanhou, explicando tudo com muita clareza e sempre em alta voz, porque a isso o obrigava o ruído dos maquinismos.

Fiquei encantado. Tudo ali é esplêndido—desde o amplo edificio em ótimas condições higiénicas para a saúde do numeroso pessoal trabalhador, até aos maquinismos, quasi todos de procedência alemã, até à matéria prima e à grande variedade e boa qualidade dos artigos produzidos.

O que de mais extraordinário encontrei foi mesmo a grande variedade dos produtos, muitos dos quais se não produzem em nenhuma outra parte de Portugal.

E' frequente encontrarem-se fábricas importantes a produzirem muita quantidade, mas só de uma ou de duas coisas. Na «Barcelense» porém produzem-se rendas de variadíssimos desenhos, de algodão e de seda, produz-se obra de palheta, ótimas gravatas, meias, guarnições, atacadores, suspensórios, galões, elásticos de todas as qualidades, fitas de lá... que sei eu? E tudo isto em grande escala e ótima qualidade.

Nota-se mesmo que é principio assente para os gerentes o primar na qualidade e e acabamento dos produtos.

A cada passo o sr. Serrão explicava: esta máquina podia produzir muito mais, mas isso redundava em prejuizo do tecido, que ficava menos consistente, mais raro, etc.

Repito: fiquei maravilhado! Não supunha que em Barcelos houvesse coisas destas e só lamento que haja muita gente como eu e que se não faça a propagação devida das nossas obras a ver se chegamos a convencer-nos de que em Portugal há coisas tão boas como as do estran-

c) Dirigentes, são os individuos maiores de vinte e um anos encarregados da direcção técnica ou administrativa do *Corpo de Scouts Católicos Portugueses*;

d) Auxiliares, serão todos os individuos de ambos os sexos e de qualquer idade, que contribuam pecuniariamente para os progressos do C. S. C. P.

e) Correspondentes, são os Scouts estrangeiros nomeados pelo C. S. C. P. para o representarem junto da respectiva Associação a que pertencem.

f) Honorários, serão todos os individuos que pelos seus relevantes serviços prestados ao C. S. C. P. de tal se tornem dignos

Art. 8.º—É condição essencial para ser admitido em qualquer das categorias de sócios que compõem o C. S. C. P. professar a religião católica, apostólica, romana e ter reputação moral e civil.

Art. 9.º—Os Scouts classificam-se quanto ao seu desenvolvimento fisico em três categorias correspondentes aos tipos normais: dos sete aos doze anos (Lobitos), dos doze aos dezaseis (Lobos).

§ único—Dentro de cada uma das respectivas categorias do presente artigo, os Scouts repartem-se em quatro classes, conforme a sua aptidão e em harmonia com as provas técnicas mencionadas no regulamento geral.

Art. 10.º—Os sócios dirigentes dividem-se em: Instrutores, Chefes de Administração, Comissários, Capelães, Inspectores, Directores e Médicos.

a) Aos instructores, compete a educação técnica dos Scouts, devendo possuir o respectivo diploma passado pela Escola de Instructores Católicos Portugueses;

b) Aos Chefes de Administração, compete a direcção administrativa dos grupos de Scouts;

c) Aos Comissários, incumbem a direcção técnica do movimento;

d) Capelães, são os sacerdotes especialmente encarregados da educação moral e religiosa dos Scouts.

e) Inspectores, são os encarregados da inspecção e direcção superior dos serviços administrativos do C. S. C. P.;

f) Médicos, são os encarregados da direcção dos serviços de saúde nos respectivos organismos.

g) Directores, são os individuos que, sem serem técnicos, são encarregados de serviços compatíveis com as suas aptidões.

Art. 11.º—Os sócios auxiliares dividem-se em protectores, doadores e beneméritos nos termos do regulamento geral.

CAPITULO III

Organização

Art. 12.º—Como orientado-

geiro e muitas vezes melhores.

Gostei da boa ordem e da educação dos operários, o que demonstra a competência das directoras das secções ex.^{mas} sr.^{as} D. Aurora Lino Queiroz e D. Berta Valongo.

E' uma empresa a que com toda a certeza está reservado o mais psóspero futuro e que muito contribue para dar importância comercial a esta já tão importante vila.

Parece-me que também a parte moral nada tem a perder, visto que não há a promiscuidade desastrosissima

ra e fiscalizadora geral do C. S. C. P. haverá uma junta Nacional constituída nos termos do Capitulo IV.

Art. 13.º—A Junta Nacional estabelecerá em cada Diocese um *Junta Diocesana*, a qual terá a seu cargo a direcção dos Grupos de Scouts Católicos na área da sua Diocese.

§ 1.º—A Junta Diocesana é composta pelo Capelão Diocesano de nomeação do respectivo Prelado e do Comissário e Inspector Diocesano de nomeação da Junta Nacional.

§ 2.º—A Junta Diocesana terá como vogais efectivos os Capelães e Comissários de Nucleo da sua diocese, com voto consultivo.

§ 3.º—A Junta Diocesana terá a sua sede na cidade onde estiver a sede da Diocese.

§ 4.º—As Juntas Diocesanas podem inscrever sócios auxiliares e honorários.

Art. 14.º—Cada Diocese será dividida em áreas denominadas *Nucleos* que serão administrados por uma Direcção local, composta pelo Capelão, Comissário e Inspector de Nucleo, nomeados nos termos do respectivo regulamento geral, tendo como vogais efectivos os Capelães e Chefes de grupo da respectiva área. Compete á Direcção local:

a) Fazer a propaganda do movimento;

b) Fiscalizar a acção dos grupos;

c) Coordenar os esforços dos grupos para o interesse comum;

d) Estabelecer as relações dos grupos com a respectiva Junta Diocesana;

e) Examinar os candidatos para a concessão de classes e diplomas.

§ único—As direcções locais admitem sócios auxiliares e honorários.

Art. 15.º—Junto de cada paróquia constituir-se-ha um Grupo de Scouts Católicos de cada secção, constituído nos termos do Regulamento geral que será dirigido por um Conselho de Grupo composto pelo Capelão, Chefe de Grupo e Chefe de Administração, o qual é o único responsável pela disciplina e administração do Grupo respectivo.

§ único—É permitida a criação de Grupos de Scouts Católicos, junto de instituições já organizadas, mas a sua constituição será feita pela Junta Nacional, mediante informação da respectiva Junta Diocesana.

Art. 16.º—A nomeação dos Chefes de Grupo recairá sempre num Instructor diplomado da respectiva secção, sendo a sua nomeação de carácter permanente.

Art. 17.º—Cada grupo pode admitir número ilimitado de aspirantes e Scouts da respectiva secção, de auxiliares e nomear honorários.

(Continua.)

JARDIM FEMINIL

Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Alice:

Cá a cachopa, crestada do sol do campo e da eira, mãos calejadas do trabalho, no corrente ano, também foi até á praia. O mourejar dum ano inteiro, sem horário ao menos para comer e para dormir, devia dar direito a umas férias. Não foi, porém, a necessidade de descansar que me levou até ao mar; mas sim o ter de acompanhar os pequenos duma prima, a quem o médico receitou banhos.

E aqui tem V. Ex.^a o motivo da demora destas linhas:

Os *traquinas* não me deixavam um momento livre. Querria agora contar-lhe tudo que senti, mas é impossível.

...O mar cada vez encanta mais: ora espreguçando-se suavemente a beijar os pes das creanças, ora, furioso e espumante a levantar a juba increpada, bem traduz a geral inconsciência do coração humano. E contemplado ao anoitecer, aviva em nós uma saúde misteriosa, arreiga insintivamente a crença no Infinito. «O céo, a terra e o mar proclamam o poder omnipotente de Deus»...

Mas que vi mais? insistirá V. Ex.^a

Vá lá então um pouco do que vi: Hoje falarei de *fidalgas*, depois será das *cachopas*.

Num dia apareceu aqui uma senhora com o cabelo *tosquiado*. Que é moda...

Que todas vão fazer a mesma operação... Que é muito *chic*, ouvi eu resmungar nuns comentários...

Outra venha!... Cá por mim, não achei nada *chic*.

Conheci, no meu tempo de creança uma velha impertinente, que era a consumição de toda a visinhança e que também andava as-im rapada, como uma ovelha em maio. Dizia ela que andava assim por penitência e tinha se, por isso mesmo, por muito virtuosa. Quem havia de dizer que, passados 40 anos, o que toda a gente julgava ridiculo, ia ser adoptado, por *chic*?

Que parece a V. Ex.^a? Todas as *chics* serão capazes de se sujeitar á *tosquia*?

Se assim acontecer, duas indústrias se vão ressentir: a dos *cabeleiros* (fornecedores de cabeleiras postigas), que dará á costa, e a dos *celeiros* que vai facilmente fornecer-se de toneladas de cabelo feminino, por preço módico.

Que ridiculo! Que mais virá?

Num dia, era *meia manhã*, os meus pequenos riram muito ao ver uns quatro cãesitos que brincavam na praia, lutando, dando cambalhotas, fingindo morder, correndo, etc. Mais ad ante, um grupo de pessoas, menos vestidas do que aqueles animaesinhos, numa promiscuidade escandalosa, brincava tambem antes do banho, tolhendo assim, diga-se de passagem, todo o efeito benéfico que do banho poderiam tirar.

Aquilo não tem inconveniente, afirmava um conhecido estotra vergas: é á inglesa.

E eu fiquei a scismar: quem ensinaria aqueles cãesitos a brincar tambem á inglesa?

Ou seriam elles quem ensinaram os ingleses?

De V. Ex.^a
at.^a ven.^{ra} e obg.^a

Uma cachopa da aldeia.

LIVROS PARA ESCRITÓRIO

Vendem-se,

em todos os tamanhos,

Companhia Editora do Minho

Variedades

Testamento de um musico ambulante.

No largo das ruas dos Campos Elyseos ha tres ou quatro cegos, os quaes ha 30 ou 40 anos estam alli tocando a mesma sonata em seus clarinetes. O mais antigo destes cegos se collocava no sitio das viuvas, tanto de verão como de inverno sem faltar um só dia, sempre acompanhado de uma formosa menina de 15 annos, que elle havia adoptado, e de um cão branco mui bem penteado, e tão bem ensinado, que ao ouvir uma das tocatas nacionaes com o seu latido chamava a attenção do publico.

Este cego chama-se Gringue Touche; tinha um amigo desde a infancia, tambem cego como elle, e como elle tocava clarinete, porém este havia escolhido a ponte de Toresnelles para theatro dos seus concertos. Durante 43 annos o cego Gallimand, (este era o seu nome) não faltou um só dia na ponte de Toresnelles, e vio passar quatro revoluções sem qu jámais pensasse abandonar aquelle ponto. Fazia-se sempre acompanhar de um rapaz de dez annos, mas logo que conhecia que a creaturinha reflexionava, o despedia, e buscava outro. Gallimand se retirava todos as noites ao seu alvergue de madeira, que era uma especie de quarto escuro de uma casa da rua de S. Jaime.

Mas a morte que não perdoa a pessoa alguma, bateu-lhe á porta; e vendo-se o cego á beira do sepulchro mandou chamar um Tabellião para fazer testamento, e dous dias depois se despedio deste mundo.

Uma noite acnava-se o cego Touche no seu posto dos Campos Elysius eis se lhe apresenta um individuo, vestido de preto e interrompendo-o no meio da tocata, começou o dialogo seguinte:

—Sois cego?

—Sim, senhor.

—Sois mendigo?

—Sim, senhor.

—Tendes uma filha adoptiva?

—Sim, senhor.

—Tendes um cão branco?

—Sim, senhor.

—Vós tinheis um amigo na ponte de Toresnelles?

—Que se chama Gallimand?

—Se chama... atalhou o homem vestido de negro. Ha tres dias que seu corpo descança no cemiterio.

O cego deu um grito de dor, e principiou a chorar.

—Sois, já vejo Gringue Touche, disse o tabellião. Gallimand vos ha nomeado seu herdeiro universal: eis aqui o seu testamento. Deixou-vos uma caixa que tem enterrada a alguns pés de terra com o seu orgãosito, e o seu clarinete; em fim tudo o que possuia. Porém a caixa contém 80:000 francos.

Ao ouvir isto Gringue Touche esperimentou uma tal sensação que o aparelho que o mostrava cego lhe cahio, e appareceram-lhe dous olhos formosos, e negros. O cego tomou o seu cão, e a sua filha adoptiva, e subindo a um coche se dirigiu a casa do defunto.

Tudo se encontrou conforme disse o tabellião: achou os 80:000 francos no lugar indicado pelo testador, e sobre a caixa havia o seguinte crescento —Meu velho Gringue Touche, se Deos cerra os meus olhos primeiro do que os teus, te deixo este dinheiro para que possas dotar a Marianna. Não quero levar deste mundo mais que o clarinete que enterrarás a meu lado. Se porém morreres primeiro, tudo o que tenho o deixo a Marianna tua filha adoptiva. Pensa algumas vezes no cego da ponte de Toresnelles.

ECOS & NOTÍCIAS

Ordem Terceira

Esteve em Barcelos, no ultimo domingo, F. João da Santissima Trindade, que, na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco, veio dizer aos irmãos daquela Ordem, como é necessario, a bem da moral e do bem estar individual, fazer prosperar e espalhar por toda a parte as Ordens Terceiras de S. Francisco, expondo como os Pontifices Romanos veem, ha muitos anos, a instar com os fieis para que sigam em tudo, as regras daquela Ordem.

Ouvido com toda a atencão, parece têr deixado no espirito de todos que, de facto, se torna conveniente propagar a grande obra religiosa, fonte que deve e hade ser, de toda a organizaçã social e associativa de espirito catolico.

Depois, em conferencia particular com a Meza, foram tratados assuntos de muita importancia, atinentes ao desenvolvimento da irmandade, no sentido de ella corresponder eficazmente aos fins a que se propõe.

Desta conferencia sairá, cremos bem, o redobrar da actividade, no sentido de todos tirem da Regra de S. Francisco os proveitos espirituais e morais que ella ensina.

Tabela do selo

O Diário do Governo de 26 de agosto ultimo publicou o Decreto n.º 10.039, que aprova a tabela geral do imposto do selo, organizada de harmonia com a lei n.º 1633.

Por se tratar de documento que convem se torne conhecido do publico, vamos extrair da nova tabela do selo o que se nos afigura de mais importante para o publico, no que toca a transacções correntes. Os numeros à margem, são os da referida tabela.

12) Anuncios e qualquer outra publicidade paga em qualquer periodico, livro, folheto, programa ou outro impresso, tem o selo o seu valor, de... 3 %.

25) Aval prestado em carta, let a ou em qualquer outro documento em relação a letras ou livranças, não o sendo nas proprias letras de livrança, sobre o valor avaliado, o selo de... 5%.

25 B) Bebidas engarrafadas:

Aguardente, por cada meio litro ou fracção... \$20

Aguas medicinaes, limonadas e xaropes de qualquer especie, cada quarto de litro... \$10

Aguas mineraes de mesa, cada meio litro ou fracção... \$05

Cervejas, cada meio litro ou fracção... \$20

Vinhos finos e licorosos, aperitivos e licores de qualquer qualidade, cada quarto de litro ou fracção:

Sendo nacionais... 1\$50

Sendo estrangeiros... 1\$50

Vinhos espumosos: cada garrafa que não contenha mais de um litro... 3\$00

Cada garrafa que não contenha mais de meio litro... 1\$50

(Sendo estrangeiros, o triple destas taxas). Este imposto só é devido pelas que se encontram à venda ao publico ou para consumo nos restaurantes, hotéis, casas de comidas e bebidas e tabernas.

Os dous tocadores de clarinete nunca haviam sido cegos.

Durante oito dias esta occorrença foi a conversação geral dos salões de Paris. Ninguem duvida que a filha adoptiva de Gal emand terá muitos pretendentes... isto é, os 80:000 frncos.

Esta narrativa vem publicada no n.º 388, de 12 de Outubro de 1852, do diario que nessa epoca se publicou no Porto com o titulo de «Braz Tizana»

Já naquele tempo, como se vê, uma parte do mundo enganava a outra.

27) Bilhetes de entrada ou assistencia a diversões, espectaculos, sendo arredondado em centavos, sobre o preço... 2.5 %

O selo varia, porem, conforme os espectaculos. Ver a tabela, suas alíneas a) b) c) d) e).

28) Bilhetes de rifa, sobre o valor... 15 %

29) Bilhetes de passagem em caminhos de ferro, carros de carreira... 5 %

20 A) Cadernos escolares, quando destinados a ser escripturados pelos alunos, cada um \$75

30 B) Calendarios annuaes, por cada 6 decimetros de fracção, cada exemplar em papel ou cartão... \$10

Estampado ou pintado em metal ou madeira... \$50

33) Cartas de credito ou abonação, passadas por comerciantes, conforme o valor—sendo englobar-se: por cada 100\$00 ou fracção... \$15

39) Cartazes ou anuncios afixados ou expostos em qualquer logar, sendo de espectaculos ou divertimentos publicos, por cada... 1\$50

Se não se indicar o numero de espectaculos, nem o dia, fóra de Lisboa e Porto... \$75

53) Contas ou facturas comerciais confididas, com designação de praso de vencimento, conforme a quantia, até escudos 100\$00; por cada 100\$00 a mais ou irracção... \$15

97) Letras, ordem, livranças, escriptos de qualquer natureza em que se determine pagamento ou entrega de dinheiro, etc., sobre o seu valor... 2 %

101) Licença para espectaculos ou divertimentos publicos—sendo em edificios proprios, fóra de Lisboa e Porto... 90\$00 (é pago com a taxa annual de contribuição industrial)

Licença para ter aberta a porta de certos estabelecimentos depois da hora de recolher, como botequins, restaurantes, casas de pasto, fóra de Lisboa e Porto... 18\$00

Licença para venda de tabaco, fóra de Lisboa e Porto 9\$00

Licenças para uso e porte de arma... 36\$00

Licença para ter um ou mais cães... 1\$50

Licença para caçar... 10\$00

Perfumarías, artigos de toilette, sabões de fantasia e de luxo, pastas, cremes e productos semelhantes, sobre o preço da venda ao publico:

Sendo nacionais... 5 %

Sendo estrangeiras... 10 %

126) Premios de rifa ou lotaria, sobre o seu valor... 22,5 %

133) Recibos e seus duplicados, de tudo que importe desobrigação de dinheiro ou valores, sobre o valor... 1 %

Os recibos inferiores a Ecs. 5\$00, estão isentos de selo.

Sport

Provas de nataçã

O Sport Club de Barcelos promove no dia 21 do corrente as primeiras corridas de nataçã, pelas quais reina grande entusiasmo.

Vão os nossos nadadores medir as suas forças, pela primeira vez, e vão os barcelenses ter occasião de apreciar um espectáculo interessante.

Segue o programa:

1.ª Prova—300 metros estilo livre para Juniors.

2.ª Prova—100 metros Infantil. Esta prova é Bruços e a idade dos concorrentes é de 12 a 15 anos.

3.ª Prova—1.000 metros estilo livre Seniors.

Na proxima semana serão expostos os premios.

Estas provas são inter-Clubs locais.

A inscriçã para os socios do «Sport» encontra-se na «Editora».

No proximo numero publicaremos o regulamento.

Orfeão Barcelense

Na proxima terça-feira, 16 do corrente, pelas 20 e meia horas, há ensaio deste grupo coral. Pede-se a comparencia de todos os orfeonistas à hora marcada.

Sopa dos Pobres

Donativos recebidos:

Do sr. dr. Porfirio da Silva, mensalidade de A. e S. 20\$00; do sr. José de Bessa e Menezes (sobrinho) 100\$00; do sr. Luiz Ferraz, 10\$00; do sr. P. E. C. 5\$00; do sr. Humberto C. Gonçalves, dinheiro encontrado no seu estabelecimento, 10\$00; do sr. José B. F. Dias, um semestre a principiar no mez corrente 25\$00. Total, 170\$00.

Casamentos

Consoiciaram-se, na semana passada, na igreja Matriz desta vila, o sr. Manoel Rainha «o Pereira» habil artista alfaiate, com a sr.ª Rita da Conceição; e o sr. Manoel Fernandes, soldado da Guarda Republicana, com a sr.ª Teresa de Barros.

Desejamos-lhes muitas felicidades.

Aspirante telegrafo-postal

Está em Braga, a fazer concurso pratico para aspirante telegrafo-postal, o nosso patriocio sr. Domingos Pires Lavado.

Carteira

Esteve na Póvoa de Varzim o nosso amigo sr. Francisco José de Sousa, estimado negociante.

—Da mesma praia, regressou o sr. Alfredo Machado Moraes e Souza, digno tesoureiro da Fazenda Publica e Antonio Gonçalves Ferros, activo negociante.

—Estão na praia de Ancora, com suas ex.ªs familias, os Srs. João Duarte Veloso, João Carlos Coelho da Cruz, dr. Gonçalo José d'Araujo, José Moreira da Costa, João Vieira de Castro.

—Esteve em Lisboa, com alguma demora, o nosso prezado amigo sr. Abel Corte Real de Araujo Leite illustre director, com exercicio, do acreditado Banco de Barcelos.

—Vimos nesta vila, na ultima semana, o nosso prezado patriocio sr. Domingos Carreira, habil ajudante de notario, no Porto.

—Encontra-se na praia d'Apulia, com sua familia, o nosso amigo sr. João Baptista da Silva Correia, activo solicitador encartado.

Tem estado entre nós, o nosso estimado patriocio e distinto advogado no Porto, sr. dr. José Sá Carneiro.

—Tambem esteve nesta vila o sr. Antonio Carvalho, activo empregado comercial, no Porto.

—Com pouca demora, veio a esta vila o nosso estimado patriocio sr. Antonio Emilio Roriz Azevedo considerado secretario de finanças em Espinho.

—Já regressaram da praia de Póvoa de Varzim, com suas ex.ªs familias, os nossos estimados amigos srns. Joaquim e Antonio Thomaz d'Araujo.

—Encontra-se entre nós o sr. Domingos d'Araujo Passos, estimado negociante no Porto.

—Já vieram da praia da Póvoa, com suas ex.ªs familias, os srns. Antonio Fernandes Correia, Antonio Augusto da Costa Portela e José Pereira da Quinta.

O concelho de relance

Apulia 7

—Pensava eu, ao escrever as ultimas noticias daqui, que as casas da praia não comportariam mais gente.

Enganei-me, porém: várias

familias tem chegado e essas esperavam apenas que outras lhes deixassem o logar; a gente do povo vem, sem ter casa prevenida e alegre, acomoda-se ás dúzias em pequenos quartos. Não ha mais logares; mas chegados de novo uns parentes, amigos ou visinhos, da-se um geito e la ficam mais seis a oito pessoas! Com um amigo fui dar um passeio, já bem de noite, pelo logar mais concorrido. Num coberto, para onde dá a entrada dum quarto, vemos sustentando um gazómetro, a sr.ª Gertrudes, muito nossa conhecida, apumada e discutindo acaloradamente, apezar dos seus 77.

—Cumprimentamo-la e desfechamos logo: Então que sermão é esse?—Ah! os srns. por aqui? Não andam por bons...

—Mas também pode ter a certeza de que não andamos por mal, nem para mal. Iamós a passar e, vindo a sr.ª Gertrudes, não tivemos pes que nos levassem daqui sem a cumprimentarmos.

—Muito obrigada.

—Eu já conheci... seu tio Bernardo...

—E que quer dizer isso ou a que titulo vem? Não era elle um cavalheiro?

—Quer dizer isto... que sou muito velha...

—Mas, vamos ao nosso caso: com quem estava a sr.ª a ralar?

—Ralar? Eu não estava a ralar. Estávamos aqui, nestes dois quartos, 10 pessoas; hoje chegaram mais quatro homens e tres mulheres. E, como não somos pretas, estava eu a dizer: Os homens tem de ficar naquele quarto e todas nós neste. E o gazómetro, aqui no coberto, acêso em toda a noite.

—Oh! Como hão-de acamar-se nesse cubiculo 13 mulheres?

—Assim nós coubessemos no céu... Querem os sr. rezar o terço connosco? E' o que nos falta para irmos dormir.

—Como já tinhamos feito as nossas devoções, não aceitamos o convite e despedindo-nos da sr.ª Gertrudes, saimos.

Fechada a porta, pudemos ouvir ainda a sr.ª Gertrudes dizer: Vistes, raparigas, como a gente se vê livre depressa destes mafarricos? Para ca vem eles!...

—Vamos com esta, emquanto vamos assim, diz o meu amigo. E acrescenta: O que viste aqui, verifica-se em todas essas casas; está tudo como a sardinha na canastra.

Abade de Neiva, 9.

A trovoad do dia 2 pairou por sobre esta freguesia. Uma faisca cafu na casa do sr. José Antonio Pereira, Presidente da Junta, matando-lhe uma vaca, que caiu fulminada. Ao pé uma criada preparava-se para lhe tirar o leite e sofreu apenas o susto. Sentimos o prejuizo que sofreu o nosso amigo José Pereira.

—Vitima da tuberculose, faleceu o sr. Manoel José da Silva (o Bolas). Conservou sempre a lucidez de espirito e sofreu com resignação. Por sua alma, foi resado um officio de corpo presente. Que descance em paz.

—Tem estado na Apulia os srns. José Pereira da Silva, Manoel Pereira da Silva e Francisco Antonio Abilheira.

—Na Póvoa de Varzim, passou também uns dias o sr. Manoel Cardoso Senra.

Quintias.

Para o dia 28 do corrente haverá aqui uma imponente festa a N. Senhora de La Salette, em Moinho-Vêdro, na sua capela, pertença do sr. dr. Felix Machado. A capela foi agora restaurada e será então reaberta ao culto. Consta que virá o sr. P.º Alaio dirigir a parte coral.

Aborim.

No dia 7, vitimada pela tuberculose, faleceu aqui Maria Pereira de Mendanha.

A desventurada, que contava apenas 42 anos, era esposa do sr. José de Magalhães Menezes e irmã dos srns. Cândido Pereira e António Pereira, residente no Brazil. Este fultimo acaba de fazer construir aqui um elegante *chotel* que intitulou Vila N. Senhora da Penha.

Campo

Com seus venerandos pais, estiveram na quinta de Creste os srns. dr. Alberto Magalhães Barros Judice Queiroz, integerrimo juiz do 1.º juizo de investigação criminal, de Lisboa, e Antonio Magalhães Barros Judice Queiroz, grande proprietario em Lisboa e Algarve e cavalheiro a quem a causa conservadora e católica deve muito.

Tambem veio uma prendada menina, filha deste ultimo.

—E' esperado por estes dias o sr. dr. António Baião e familia.

—Chegou da Apulia a familia do sr. dr. José Duarte Pinheiro.

AGRADECIMENTO

A familia Miranda Aviz e seu cunhado Sabastião Brito julgam ter já agradecido a todas as pessoas que lhe manifestaram as provas de amizade, tomando parte no desgosto sofrido pela perda da chorada mãe e sogra D. Narcisa Rosa de Freitas Aviz Miranda, mas, se alguma falta involuntária possa ter havido, veem por este meio reparar essa falta, testemunhando o seu profundo reconhecimento.

CASA

Vende-se uma com quatro divisões.

Na Companhia Editora se diz.

COMARCA DE BARCELOS

Editos de 30 dias

Para o inventario orfanologico a que se procede por obito de Tereza Martins, viuva, moradora que foi na freguezia de Alheira, desta comarca, cita-se por editos de trinta dias o interessado Antonio Fernandes Braz, solteiro, menor pubere, auzente na America do Norte, em parte incerta.

Barcelos, 1 de Agosto de 1924.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Fonseca.

O escriptão-ajudante do 4.º officio,

Ilidio Lopes.

COMARCA DE BARCELOS

Editos de 30 dias

Para o Inventario de José Candido Gonçalves, desta vila, citam-se por editos de trinta dias os interessados Ismael Carlos Botelho e Antonio Ferreira da Costa, auzentes no Brazil.

Barcelos, 26 de Julho de 1924

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Fonseca.

O escriptão-ajudante do 4.º officio,

Ilidio Lopes.

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE — RUA D. ANTONIO BARROSO — BARCELOS

TIPOGRAFIA oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côes.

ENCADERNAÇÃO oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.

PAPELARIA vendas por junto e a retalho, de papeis, de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritorio.

EMPRESA INDUSTRIAL DE BARCELOS, L.^{da}

(FABRICA DA GRANJA)

Largo da Granja, 9 a 17—BARCELOS

Serração, Carpinteria e Marcenaria

Executa-se, com perfeição e rapidez, qualquer encomenda, com grande vantagem e economia para os Snrs. Construtores e Proprietários.

Preços sem competencia.

Ismael de Macedo & C.^a

Rua D. Antonio Barroso, 34 e 36

== BARCELOS ==

Completo e variado sortido em casimiras, chales malhas, panos crus, panos brancos e muitos outros artigos.

Um bom sortido em miudesas

PREÇOS DE RECLAME

Mercearia 1.º de Dezembro

— DE —

BRITO & SOUZA

Barcelos { Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas e muitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos serão sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,